



ANÁLISE DA ATIVIDADE DE BIBLIOTECÁRIOS DE UMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA NA AMAZÔNIA¹²

Librarians' activity analysis at a public institution in the Amazon

Camila Lima Chaves Oliveira³ 
Universidade Federal de Rondônia⁴
Porto Velho, Rondônia, Brasil

Vanderléia Lurdes Dal Castel Schindwein⁵ 
Universidade Federal de Rondônia
Porto Velho, Rondônia, Brasil

Resumo

Este artigo teve como objetivo promover a análise coletiva do trabalho, sob o ponto de vista dos bibliotecários de uma instituição pública federal de ensino. O estudo, de caráter qualitativo, buscou desenvolver a proposta fundamentada na prática da Clínica da Atividade, com a realização de oficinas de fotos. As participantes produziram imagens das atividades de rotina que consideraram importante em seu trabalho, após escolher quais fotos levariam ao encontro de reconstituição de suas práticas foi realizado uma oficina de validação da análise do seu trabalho. Os diálogos foram divididos em cinco categorias de análise: o Sistema Integrado de Gestão Universitária (SINGU); política de funcionamento e regimento interno da biblioteca universitária; aquisição de livros; rotatividade dos servidores da instituição; e o enfrentamento dos imprevistos do real da atividade na biblioteca. Constatou-se que há um processo de mudanças na instituição com impactos nos procedimentos e relações de trabalho, no qual se pode observar a implantação dos procedimentos de gestão que exigem do trabalhador polivalência, eficiência e produtividade, sobrecarregando os servidores nas tarefas diárias. Mesmo diante das dificuldades encontradas, mobilizam-se coletivamente permitindo que mantenham o poder de agir sobre as situações de impedimento, recriando formas de fazer o trabalho.

Palavras-chave: Saúde do trabalhador; Bibliotecas; Estratégias de Enfrentamento.

¹ Editora responsável pela avaliação: Prof.^a Dr.^a Liliam Deisy Ghizoni.

² Copyright© 2021 Oliveira *et al.* Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

³ camila_chs@hotmail.com

⁴ Campus - BR 364, Km 9,5, Porto Velho - RO

⁵ vdalcastel@gmail.com

Abstract

This article aimed to promote the collective analysis of the work, from the point of view of librarians from a federal public educational institution. The study, of a qualitative character, sought to develop the proposal based on the practice of the Clinic of the Activity, with the realization of photo workshops. The participants produced images of the routine activities that they considered important in their work, after choosing which photos would lead to the reconstitution of their practices, a workshop was held to validate the analysis of their work. The dialogues were divided into five categories of analysis: the Integrated University Management System (SINGU); operating policy and internal regulations of the university library; purchase of books; turnover of the institution's servers; and coping with unforeseen events in the library. It was found that there is a process of changes in the institution with impacts on the procedures and work relationships, in which it is possible to observe the implementation of management procedures that require versatility, efficiency and productivity from the worker, overloading the servers in their daily tasks. Even in the face of the difficulties encountered, they mobilize collectively, allowing them to maintain the power to act on situations of impediment, recreating ways of doing the work.

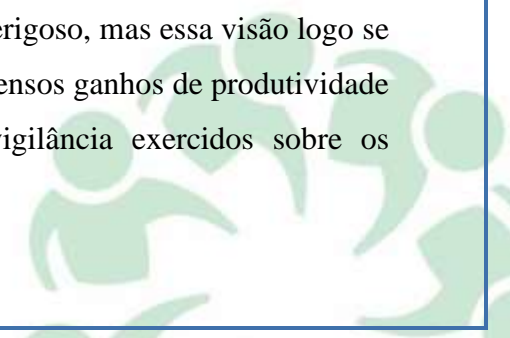
Keywords: Occupational Health; Libraries; Coping strategies.

Introdução

As relações de trabalho e a forma como homens e mulheres se organizam em sociedade são processos em constante movimento, os quais, ao longo da história da humanidade, vêm sofrendo transformações significativas a partir de mudanças na economia, no modo de produzir e nos significados do trabalho, o qual se distingue em diferentes épocas econômicas, bem como novas formas e meios de realizá-lo se desenvolvem.

Vários autores corroboram nesta compreensão de que as maiores mudanças na forma de se realizar o trabalho ocorreram a partir de grandes descobertas na sociedade capitalista, como: a invenção da máquina a vapor, que deu origem a primeira revolução industrial (século XVIII); em um segundo estágio desta revolução, introduziu-se nos processos de trabalho o uso da eletricidade (século XIX); e, em um terceiro estágio, tem-se a automação e a eletrônica (século XX). Já o momento atual é marcado pela presença em massa da tecnologia da informação e a velocidade na circulação da informação no ambiente laboral (Albornoz, 2004; Merlo & Lapis, 2007; Seligmann-Silva, 2011).

Paradoxalmente, pensava-se que a introdução das inovações tecnológicas no ambiente laboral poderia libertar os trabalhadores do trabalho pesado e perigoso, mas essa visão logo se desfez, pois as novas descobertas científicas que permitiram imensos ganhos de produtividade foram também adotadas para intensificar o controle e a vigilância exercidos sobre os



trabalhadores. Isso promoveu uma intensificação e aceleração das atividades físicas e mentais, com múltiplos reflexos danosos à saúde (Seligmann-Silva, 2011).

No Brasil, essa modernização do trabalho, inicialmente inserida nas empresas privadas, aos poucos adentrou também os setores públicos, os quais, desde a década de 1990, vêm passando por diversas fases de reestruturação, com diferentes estágios de incorporação tecnológica e de organização e gestão, relações onde cada vez mais se exigem do trabalhador altos padrões de rendimento e eficiência, mas nem sempre há contrapartidas na melhora das condições de trabalho e/ou nas relações de trabalho (Seligmann-Silva, Bernardo & Maeno, 2010; Gomes, Silva & Sória, 2012; Mattos, 2013; Fantazia, 2015).

Durante a Reforma Estatal, ocorrida neste período, um dos setores que sofreu grande precarização foi a educação pública brasileira, pois não houve novas contratações, nem reposição dos servidores aposentados, o que levou a uma sobrecarga de trabalho aos servidores ativos. Assim, as universidades foram afetadas diretamente e tiveram comprometidos o fornecimento dos serviços disponibilizados pelo Estado, trazendo prejuízos não só aos trabalhadores deste setor, como também aos cidadãos-usuários deste serviço. (Gomes, Silva & Sória, 2012).

Ainda no âmbito da educação superior, têm-se as bibliotecas universitárias, foco deste estudo, que são de grande importância, pois concentram e disponibilizam um acervo de conhecimento, em forma de livros, revista, periódicos, dentre outros. Ribas (2013) observa que o ambiente das bibliotecas tem mudado muito nos últimos anos, inserindo uma preocupação com o cidadão-usuário, buscando ambientes mais confortáveis, contribuindo para o bem-estar de todos que utilizam seus espaços, inclusive os trabalhadores do local.

A maioria dos autores, que dedicam seus estudos às bibliotecas e aos profissionais que as compõem (Bortoletto, Machado & Coutinho, 2002; Maia, Neto, Vasconcelos-Raposo & Bezerra, 2006; Souza & Silva, 2007; Ribas, 2013; Wellichan & Santos, 2017), dá foco às questões ergonômicas do trabalho, como postura e adequação dos postos de trabalho; bem como aos riscos físicos químicos e biológicos, previstos nas normativas relacionadas na Portaria n.º 3.214, 08 de junho de 1978, do Ministério do Trabalho. Maia et al. (2006) adverte que “a literatura existente não fornece elementos ou pesquisas necessárias sobre a avaliação do homem, máquina, ambiente, informação, organização e consequência do trabalho nas bibliotecas” (p. 262).

O profissional bibliotecário, conforme Carvalho (2002) acompanha o desenvolvimento da sociedade e se transforma em um ser humano multifacetado, passando a ser o responsável pela preservação da memória humana sem perder de vista a disseminação do conhecimento e

da informação. A autora afirma que esse profissional “deve ser um indivíduo que faz experiências e é sensível a aprendizagem sendo a sua presença insubstituível nas organizações, além de ser um mediador, entre usuário e acervos” (p.1). Para o autor, trata-se de um profissional diferenciado, cuja formação exige um perfil adequado à transformação no mundo do trabalho e às exigências de mercado, tendo em vista constante emergência à difusão das tecnologias da informação.

Diante de tantas modificações nos processos de trabalho por meio da inserção das novas tecnologias digitais, a cultura da cibercultura⁶, as características do profissional da informação e os requisitos que são exigidos a ele vão desde a difusão do conhecimento com a aplicação de recursos humanos e materiais na perspectiva da criação e mediação de redes de informação, da formação de competências para atuar como gestores da informação e da comunicação. Além de ainda atender às necessidades de todos os membros da comunidade acadêmica da qual fazem parte, com o intuito de agir interativamente para ampliar o acesso à informação na formação de indivíduos, como também contribuir para a geração do conhecimento, atuando na formação pessoal e profissional no contexto universitário (Cunha, 2000; Passarelli, 2009; Nunes & Carvalho, 2016; Salort, Bilhão & Lopes, 2019).

Diante de tantas modificações nos processos de trabalho por meio da inserção das novas tecnologias, as características do profissional da informação e os requisitos que são exigidos dele no desenvolvimento de suas atividades devem ser investigados de modo que possa conhecer suas fragilidades e ampliar suas potencialidades, promovendo saúde nesses ambientes. Neste sentido, o estudo teve como objetivo promover a análise coletiva do trabalho, sob o ponto de vista dos bibliotecários de uma instituição pública federal de ensino na Amazônia, conhecendo os laços tecidos entre os servidores para enfrentar os imprevistos que constituem a realidade de trabalho na biblioteca, descrevendo as formas de organização e gestão do trabalho que impõem dificuldades na realização das atividades e analisando as relações que se efetivam entre os bibliotecários, possibilitando a ampliação do poder de agir dos trabalhadores, com vistas à transformação de algumas situações de impedimentos no trabalho.

⁶ Espaço informacional multidimensional, no qual os dados são configurados para que o usuário possa acessar, movimentar e trocar informação com um incontável número de outros usuários, permite o acesso, a manipulação, a transformação e o intercâmbio de seus fluxos codificados de informação, considerando que é o espaço que se abre quando o usuário se conecta à rede, ou seja, um espaço feito de circuitos de informação a ser percorrido em um universo etéreo que se amplia indefinidamente (Santaella, 2004).

Materiais e métodos

Trata-se de um estudo qualitativo, descritivo, com abordagem fundamentada na Clínica da Atividade, a qual integra as abordagens das Clínicas do Trabalho (CT). As CT, de acordo com Bendassolli e Soboll (2011) são um conjunto de teorias que têm como base estudos da relação entre o sujeito, o trabalho e o meio, o objeto comum é a situação do trabalho. Nessa abordagem, priorizam-se metodologias qualitativas, em especial métodos em que os próprios sujeitos são convidados a refletir sobre seu trabalho, no qual em uma parceria com o analista/pesquisador, tornam-se coanalistas de suas atividades.

A clínica da atividade de acordo com Clot e Leplant (2005) tem como objetivo provocar o desenvolvimento da atividade por meio de um método de ação, orientada para a aquisição de conhecimentos sobre uma situação de trabalho. A análise da atividade em situação de trabalho pode ser efetuada com vários métodos, no Brasil a pesquisadora Osório-da-Silva (2010) utiliza a oficina de fotos como método de conhecimento, que consiste na produção de imagens pelos próprios trabalhadores como forma de registro de suas atividades no ambiente laboral, proporcionando um distanciamento e produção de espaço necessário ao diálogo interior, do trabalhador consigo mesmo e com o gênero profissional pesquisado. Após a produção das fotografias, essas são apresentadas e discutidas com os pares e o pesquisador/interlocutor, espaço onde o trabalhador dirá como foram produzidas e o porquê de suas escolhas.

Tendo em vista a escolha metodológica da pesquisa, a técnica escolhida foi a Oficina de Fotos, considerando as afirmações das autoras Osório-da-Silva & Barros (2013), que apontam a produção de fotografias como processo de análise da atividade, visando explorar e desestabilizar os modos instituídos de trabalho e potencializar forças instituintes que compõem uma determinada situação, engendrando outras que viabilizam a ampliação do poder de agir dos trabalhadores.

O estudo foi realizado em uma biblioteca universitária, que tinha em seu quadro de servidores, no momento da pesquisa, seis bibliotecários. A idade desses servidores variou de 28 a 56 anos e o tempo de serviço de 3 a 10 anos na instituição. Após a primeira reunião com o grupo, três bibliotecárias aceitaram participar da pesquisa: Alice, Ariel e Maria. Os nomes utilizados são fictícios, a fim de resguardar a identidade dos participantes, e foram sugeridos pelos próprios participantes do estudo.

Do procedimento para a produção das fotografias, considerou-se que o grupo pudesse produzir imagens de suas atividades diárias, registrando momentos que considerassem importante em seu trabalho e que quisessem discutir e analisar em grupo. Como instrumento

para a produção das imagens, utilizou-se a câmera do celular pessoal das bibliotecárias, considerando que assim teriam maior liberdade para fotografar durante toda a rotina de trabalho e, posteriormente, escolher quais imagens levariam à reconstituição coletivamente. As imagens foram impressas pelas pesquisadoras, em forma de cartões, e distribuídas a cada bibliotecária no dia agendado para a oficina de reconstituição.

Sendo assim, para a reconstituição das atividades, foi realizado um encontro com as bibliotecárias, com as imagens produzidas pelas participantes impressas e numeradas, a fim de facilitar a discussão, pois, a partir dos diálogos, possibilitaria que as trabalhadoras vivessem novas experiências e desenvolvessem novos recursos para ação no ambiente laboral, observando, na atividade do colega, a própria atividade. O encontro foi gravado e transcrito na íntegra a fim da realização da análise temática (Bardin, 2011), que propõe realizar um processo de categorização dos temas discutidos, de como os trabalhadores perceberam e analisaram o seu ambiente laboral.

Após a análise coletiva das fotografias, todos os servidores da biblioteca, foram convidados para um seminário de apresentação dos resultados, a fim de validar a pesquisa realizada. Foi preparado um varal, com as fotos da oficina expostas e esquemas impressos expondo as categorias de análise observadas durante a reconstituição, a fim de facilitar a discussão e validação das sistematizações realizadas entre pesquisadores e colaboradores.

Por fim, como procedimento ético a pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa – CEP, tendo aprovação em 07 de julho de 2017, conforme número CAAE 66594217.0.0000.5300. Ainda, ao participante que aceitou contribuir com a pesquisa, de forma voluntária, foi apresentado um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, após, a assinatura dos termos.

Resultados e discussão

A reconstituição: revivendo a atividade passada por meio da oficina de fotos

Na clínica da atividade, a análise do trabalho se dá em conjunto com o trabalhador, no momento da reconstituição das tarefas por meio das imagens, sendo esse co-autor da análise. É a partir do diálogo dos pares e do pesquisador sobre as situações de trabalho registradas que é possível a compreensão do trabalho, daquilo que foi prescrito, o que foi realizado, o que não pôde ser realizado e o porquê, o que o trabalhador gostaria de ter feito ou de ter realizado de forma diferente e não pôde.

Os diálogos para Clot (2010) devem ser transcritos, a fim de serem utilizados como matéria-prima para a pesquisa, para o estudo do desenvolvimento do pensamento na controvérsia profissional. É a partir da análise dos diálogos que será possível analisar os debates surgidos das atividades profissionais, as mudanças no modo de agir e, até mesmo a partir do desenvolvimento de um pensamento entre dois interlocutores pode ser uma atividade de análise de um problema coletivo.

De acordo com Silva, Souto e Memória-Lima (2015) “a partir dessas marcas do trabalho, o profissional se observa e assume uma posição de protagonismo diante de sua atividade. O pesquisador, nesse cenário, atua como coadjuvante” (p. 15). Há, portanto, um distanciamento por parte do trabalhador de suas atividades, fazendo com que este reflita sobre suas práticas, estilize suas ações e amplie seu poder de agir no trabalho, cumprindo assim os objetivos dessa pesquisa.

Neste contexto, participaram da reunião de reconstituição as três bibliotecárias integrantes do estudo, na qual cada uma explicou sua atividade e a escolha da fotografia produzida. A análise do trabalho se iniciou por meio da atividade dialógica, mediante a oficina de fotos, com o olhar do grupo voltado para as fotografias impressas (Figura 01).

Figura 01: *Fotografias impressas para a reunião de reconstituição das fotos.*



A bibliotecária Maria iniciou o diálogo e utilizou como disparador da discussão uma das imagens que havia feito do sistema operacional utilizado pela biblioteca: o Sistema Integrado de Gestão Universitária (SINGU) (Figura 02). Como informado pela servidora, o sistema é utilizado no processamento técnico, quando precisam cadastrar um novo livro no acervo, seja de aquisição ou doação. As bibliotecárias fazem uma busca nesse sistema a fim de

encontrar título semelhante, para que não haja duplicidade de cadastro. Segundo ela, esta busca não traz resultados efetivos.

Figura 02: Imagem produzida pela bibliotecária Maria da página do SINGU.



Maria e Alice explicam a produção da imagem acima sobre o SINGU:

Nós temos um grande problema com o SINGU, principalmente nós, no caso da biblioteca. Para fazer um cadastro de um livro, a gente precisa fazer aquela busca, ver se a obra existe. E ele é um sistema que não teve a colaboração de bibliotecários, tem algumas coisas que ele não tem, dificulta e também atrapalha um pouco a gente conseguir fazer o trabalho mais rápido, mais rápido também localizar as obras, fazer a classificação, tudo fica um pouco mais difícil, porque o sistema ele é um sistema, vamos dizer, inadequado... praticamente a primeira coisa que eu pensei de negativo foi nele, não tinha como nem pensar em outra coisa (Maria).

E o mais grave é quando você tem certeza de que você inseriu o livro, mas ele diz que não está lá. E, às vezes, ele não aparece e você tem que fazer a busca em tudo quanto é local, para você criar a obra, por que se não vai duplicar. Complicado. Eu tenho que ir lá ao acervo para buscar ele, para entrar pelo tombo. Isso demanda tempo. A quarta lei da biblioteconomia diz “poupe o tempo do leitor”, e o poupar o tempo do leitor começa desde a entrada do livro na biblioteca (Alice).

As colaboradoras apontam às dificuldades na realização das atividades da forma como deveria ser realizada, da maneira como o gênero profissional⁷ compreende essa atividade do processamento técnico. O sistema não foi projetado para uso em biblioteca e impede que o trabalho seja executado de modo prescrito, exigindo que as profissionais recriem outros jeitos de finalizar suas tarefas.

Machado e Abreu-Tardelli (2005) entendem que, o meio social disponibiliza ao trabalhador o que as autoras chamam de “artefatos”, para que assim possam realizar suas atividades. Esses artefatos, constituídos sócio-historicamente, podem ser de ordem material ou simbólica (aqui se incluem as prescrições do trabalho, orais ou escritas), mas que é preciso que o trabalhador se aproprie desses instrumentos para que possam ser úteis em seu trabalho. Clot (2006) entende que a atividade psicológica é mediatizada (pela linguagem, pelos instrumentos), mas também é mediatizante (produz elo entre os objetos, as pessoas e o sujeito). Para o autor, o sujeito apenas se apropriaria dos instrumentos da atividade se estes fossem úteis ao seu objeto, ou seja, ele apenas se apropriaria do artefato se este fosse apropriado a ele.

Sobre isso as participantes descrevem: “*Imagine para fazer inventário*” (Alice); “*Nós tentamos já fazer*” (Maria); “*Já teve essa tentativa, não bem-sucedida*” (Alice).

Eu tenho que imprimir todas as listas, de tudo que tem, ir pra estante, identificar o que está lá, o que não está, depois tem que ir ao sistema ver se está emprestado, se foi levado... então tem esses graus de dificuldade muito grande, porque um bom sistema ele tem tudo isso, ele vai nos imprimir o relatório com a quantidade de títulos, exemplares, por área do conhecimento, por curso, então facilita muito (Maria).

Porque hoje o SINGU serve para gente apenas como um banco de dados de livro e mal, mas não gerencia nada, não faz o que ele deveria fazer (Alice).

Essa recriação da atividade do SINGU pelas bibliotecárias é uma forma de buscar as obras no acervo, pesquisando palavras-chaves distintas a fim de encontrar os livros fazendo com que o sistema, que não é adequado à biblioteca, possa atendê-las e permiti-las que executem seu trabalho. Ainda durante a utilização do sistema, as bibliotecárias se deparam com

⁷ Para Clot (2010), o gênero é, de algum modo, a parte subentendida da atividade, o que os trabalhadores de determinado meio conhecem e observam, esperam e reconhecem, apreciam ou temem; o que lhes é comum, reunindo-os sob condições reais de vida; o que sabem que devem fazer, graças a uma comunidade de avaliações pressupostas, sem que seja necessário re-especificar a tarefa a cada vez que ela se apresenta (p. 121-122).

uma página de erros. Aparentemente sem razões esclarecidas, a página aparece durante o cadastro ou busca das obras.

Todas as bibliotecárias concordaram com os problemas relacionados ao sistema utilizado pela biblioteca para gerenciamento do acervo, e que a maior dificuldade seria no momento do processamento técnico, que não conseguem extrair dados confiáveis do sistema disponível, fazendo com que o trabalho das bibliotecárias se torne moroso, pois precisam conferir no acervo da biblioteca a existência dos livros para então cadastrá-los. A atividade real difere da prescrição, quando não é possível, por meio do sistema disponibilizado, a inclusão da obra sem que haja outros movimentos que não estavam previstos.

Existem no mercado algumas opções de softwares já conhecidos pelas bibliotecárias, mas que são pagos, o que inviabiliza a aquisição por bibliotecas universitárias públicas. As bibliotecárias dialogam com os gestores sobre a aquisição de um novo sistema que faça o gerenciamento da biblioteca. Essa aquisição é uma expectativa das bibliotecárias, já que recentemente a instituição vem discutindo a aquisição do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas - SIGAA. O anseio das bibliotecárias na substituição do software disponível atualmente traz consigo uma mobilização do coletivo de trabalho, pois estão conscientes das dificuldades que provavelmente enfrentarão na migração dos dados. Devido às limitações do SINGU, o software não possui compatibilidade com nenhuma outra plataforma de dados para bibliotecas, o que fará com que as bibliotecárias tenham que inserir manualmente o acervo disponível. Porém, isso não parece afligir o grupo, que concorda que a atividade manual será trabalhosa, porém compensará as dificuldades enfrentadas hoje com o SINGU: “*Já nos preparamos psicologicamente, até pensava em fazer parceria ou projeto pra chamar os alunos*” (Ariel).

As dificuldades enfrentadas pelas bibliotecárias, em relação ao sistema, criam um mal-estar entre as profissionais, já que a comunidade acadêmica vê de forma negativa os serviços da biblioteca: quem está de fora tem uma visão totalmente diferente, você acaba realmente atribuindo a ineficiência do sistema ao profissional que está ali do outro lado (Alice).

A preocupação das bibliotecárias também recai sobre a responsabilidade em estar no setor, onde todo o acervo se torna patrimônio da instituição e o bibliotecário fica responsável por sua guarda e conservação. Elas entendem o peso dessa responsabilidade, pois caso algum livro ou material da biblioteca não seja encontrado no local, o servidor precisa repor ao erário

o valor correspondente ao bem. Nota-se, como característica da gestão no setor público, a responsabilização do servidor pelo seu patrimônio.

Além do processamento técnico, as bibliotecárias são responsáveis pela gestão e fiscalização de contratos com empresas fornecedoras de livros à biblioteca. Essas empresas são escolhidas por meio de licitação. Algumas empresas cumprem o objeto contratual, mas quando isso não acontece, reflete negativamente no trabalho das bibliotecárias. Na ocasião, a profissional Maria estava responsável pela fiscalização de um contrato, cuja empresa não atendeu ao objeto contratual, o que trouxe transtornos às atividades do setor:

Nós estamos com problema com uma empresa já tem um tempo... eu assumi, na verdade, o setor da aquisição em janeiro desse ano e essa empresa já não está atendendo desde outubro de 2016. Ela já foi notificada, já pagou uma multa porque não pagou um certificado que tinha que ter... ela foi penalizada, isso em 2015, mas mesmo assim a gente manda a notificação, a notificação volta, não atende telefone... isso é até um ponto negativo que eu coloquei aqui também que realmente dificulta nosso trabalho (Maria).

Alguns instrumentos desenvolvidos pelos órgãos de controle, como o Tribunal de Contas da União (TCU) e pela própria instituição, auxiliam as bibliotecárias na fiscalização e gestão de contratos. Maria afirma que se sobrecarrega com a fiscalização dos contratos e com os entraves burocráticos característicos ao serviço público e por isso busca a cooperação de colegas quando precisa dar conta de todas as atividades de fiscalização, além das demais atividades como bibliotecária.

Para enfrentar essa situação, a bibliotecária buscava aplicar as penalidades à empresa prestadora de serviço para que não voltasse a ocorrer a mesma situação nos contratos seguintes. Nesse caso, as prescrições (legislações e normas internas) tornam moroso o processo de aplicação de penalidades e desvinculação com a empresa. O enfrentamento coletivo foi realizado, em sua maioria, com a busca de conhecimento pelas bibliotecárias, junto a outros setores da instituição, a fim de dominar as prescrições e dar agilidade ao processo.

Essa situação ocorre devido à ausência de uma reformulação no regimento da biblioteca que se tornou inoperante para algumas atividades. Nesse caso, a redefinição de algumas funções, traria orientações quanto à interação dos departamentos da instituição e os demais servidores de outros setores, que avalia o acervo disponível na biblioteca. Essa situação repercute no trabalho de Alice, que descreve, por meio da imagem de seu trabalho, que a

desorganização causada pelo acúmulo de livros na sua mesa a incomoda e decidiu fazer o registro (Figura 03).

Figura 03: *Produção da bibliotecária Alice como expressão de insatisfação em seu ambiente de trabalho.*



Alice justifica a imagem dizendo que o acúmulo das funções a impedia de organizá-los, pois o outro servidor responsável pelo processamento dos livros de doação estava afastado do trabalho. Mas, ao refletir mais um pouco, justifica os motivos deste acúmulo de tarefas:

A gente não tem uma política, então se a gente não tem, o outro lado como ele vai saber? Essa é a primeira bucha, porque se tem a política a pessoa tem um respaldo... o fato da gente não ter essa política, acaba que, muitas vezes, as pessoas doam livro pra biblioteca, achando que a biblioteca é um depósito de livro...a gente enfrenta muitos embates por conta disso e isso é um pouco desgastante, porque apesar de a gente não ter essa política, acredito que as pessoas deveriam ter um pouco mais de bom senso e respeitar. (Alice)

Ao longo da história da biblioteca já houve tentativas de implantar um regimento e uma política de funcionamento, mas quando submetido às autoridades superiores e conselhos administrativos, não houve aprovação. A dificuldade de aprovação, de acordo com as bibliotecárias, se dá devido à indefinição do posicionamento da biblioteca dentro da estrutura organizacional da instituição e é majorada pela ausência de representatividade dos técnicos nos conselhos, que poderia defender as atribuições e importância do setor.

As bibliotecárias, apesar de responsáveis por determinadas atividades, realizam diversas outras atividades no setor, colaborando entre si e com outros setores da instituição, gerando

assim parcerias de trabalho. Essas parcerias foram iniciativas delas, que buscaram junto a esses setores solucionar os problemas vividos no real de suas atividades.

A busca de soluções dos impedimentos é elaborada pelo trabalhador como uma forma de fazer aquilo que não pode ser feito da forma prescrita, mesmo em condições adversas. Clot (2010) chama este movimento de catacrese, seria uma tentativa desse trabalhador de anular os obstáculos que opõem a atividade a si mesma, ou seja, é uma recriação ou reconcepção das técnicas que ele utiliza em suas atividades, cujo uso é deslocado ou subvertido. A catacrese, segundo o autor seria “essa atribuição de novas funções às ferramentas, o uso deslocado e inventivo de um dispositivo” (p.106).

Uma das parcerias realizadas foi retratada no registro da Ariel (Figura 04). Ela necessitava de um espaço preparado para ministrar os treinamentos de pesquisa acadêmica que oferece por meio da biblioteca e, a partir de contatos com outros setores, conseguiu estruturar um espaço para desenvolver suas atividades.

Figura 04: Produção da bibliotecária Ariel a respeito das atividades desenvolvidas.



Ariel destaca com muito prazer os treinamentos que ministra com graduandos, mestrandos e doutorandos e outros setores da universidade:

Além de trabalhar com essa parte do processamento técnico, eu gosto também de fazer essa parte do treinamento, então eu sempre entro em contato ou então a gente já disponibiliza lá na nossa página como as pessoas podem solicitar o treinamento, mas eu sempre procurei, principalmente desde o ano passado, entrar em contato, principalmente

com os mestrados. Então eu saio do espaço. Além dessa parte do Portal a gente também conseguiu entrar em dois eventos (Ariel).

Em algumas atividades, as bibliotecárias contam ainda com o auxílio dos estagiários, o que consideram um ganho à biblioteca, pois traz agilidade ao trabalho mais burocrático, como a organização do acervo. Embora a contratação dos estagiários seja vista de forma positiva pelo grupo de trabalho. Dessa forma, a sobrecarga de trabalho, imposta às bibliotecárias, deveriam resultar em novas contratações, mas a contratação de estagiários acaba dissimulando a real necessidade no setor e dando aparência de auxílio às atividades.

A informatização de algumas etapas do trabalho foi apontada com um ponto positivo no trabalho do bibliotecário, principalmente em atividades que exigiam o preenchimento de documentos por alunos ou docentes que utilizam os serviços da biblioteca. Uma dessas atividades, trazida pela bibliotecária Maria, é a elaboração da ficha catalográfica.

A ficha catalográfica, que as meninas não chegaram à época que eu cheguei e era formulário que o aluno preenchia, com o título e até um dia, não sei se eu falei pra elas, que eu fiquei que nem farmacêutico tentando identificar o que a pessoa tinha escrito, então foi um grande avanço, porque hoje não, hoje é um sistema que foi criado pela DTI, você entra lá, o aluno também entra, coloca as informações todas do trabalho dele, vai pra gente só gerar e colocar a classificação. Então é uma coisa bem mais rápida, se antes eu levava, vamos dizer, três minutos para fazer uma ficha, hoje eu levo três segundos ou menos... isso é um avanço muito grande que a gente conquistou agora (Maria).

Algumas atividades trazem bem-estar aos bibliotecários, principalmente atividades que valorizam o espaço da biblioteca e trazem publicidade aos trabalhos realizados pelos servidores.

Análise e validação das oficinas de fotos

As discussões para o seminário de validação da oficina de fotos foram organizadas em quatro categorias de análise temáticas: O Sistema Integrado de Gestão Universitária (SINGU); política de funcionamento e regimento interno da biblioteca universitária; aquisição de livros; e o enfrentamento dos imprevistos do real da atividade na biblioteca, conforme a Tabela 01. Todas as categorias foram provenientes da análise coletiva do trabalho feita na reunião de reconstituição.

Tabela 1: *Categorias temáticas apresentadas no seminário de validação das fotos.*

Categorias Temáticas	Atividades impedidas	Ações do coletivo
SINGU	Cadastro e pesquisa das obras, migração de dados, emissão de relatórios e erro e paralisação das atividades	Busca das obras físicas, contato com Diretoria de Tecnologia de Informação- DTI e edição manual dos dados e relatórios
Regimento interno da biblioteca	Recebimento de doações de obras, comunicação com usuários e setores da instituição, prejuízos na avaliação dos cursos pelo Ministério da Educação - MEC e representatividade nos conselhos	Parcerias com outros setores e usuários e reformulação do regimento
Aquisição de livros	Fiscalização de contratos, recebimento dos livros, atendimento ao usuário e atividades do processamento técnico	Busca de conhecimento com outros setores, notificações à empresas e penalização e amparo com as normas e legislações
Enfrentamento do real da atividade	Ficha Catalográfica (informatização), Rodízio nas atividades dos bibliotecários, parcerias com outros setores, participação em eventos, auxílio dos estagiários e Melhorias nos espaços da Biblioteca	Diminuição do tempo em algumas atividades, Conhecimento do trabalho um do outro, melhorias do ambiente da biblioteca e coletivo de trabalho dialoga entre si

A primeira categoria de análise, o SINGU, foi um tema constante durante a reunião de reconstituição. Sobre isto, a bibliotecária Alice reconsiderou que não chega a ser impedida a atividade, apenas dificultada, pois apesar dos empecilhos que se apresentam e os erros do sistema, ainda é possível realizar o cadastro. As servidoras apontaram que, uma das maiores dificuldades em relação ao SINGU, é a falta de autonomia diante do sistema, por não serem profissionais da área de informática e dependerem totalmente de outro setor para solucionar os problemas que encontram em seu dia a dia de trabalho.

Sobre estes impedimentos, Clot (2007) ressalta que eles são “aquilo que se busca fazer sem conseguir – os fracassos –, aquilo que se teria querido ou podido fazer, aquilo que se pensa ou que se sonha poder fazer” (p.116). Estas atividades não necessariamente eram atividades

que as bibliotecárias não podiam completar, mas que, não eram possíveis de serem realizadas como prescritas. Pretender dispensá-las na análise do trabalho equivale a retirar, de maneira artificial, os que trabalham os conflitos vitais de que eles tentam liberar-se no real.

Como ação do coletivo, diante dessas atividades dificultadas ou impedidas, em relação ao SINGU, foi apresentada como resultado da análise coletiva o prévio conhecimento do acervo pelas bibliotecárias, pois essas podem se valer de conhecimentos prévios das obras cadastradas a fim de não cadastrar obras em duplicidade ou pesquisar no sistema sem resultados satisfatórios.

A demora na implantação do novo sistema não é impeditiva ao grupo, que já buscou em artigos e informações de outras instituições sobre o funcionamento do sistema. Uma das estratégias utilizadas pelo grupo foi buscar com outras instituições, que já utilizam o programa, relatos de suas experiências, a fim de se precaverem diante das novas condições de trabalho e seus desafios. Isso demonstra que os coletivos da biblioteca refazem seus caminhos, mesmo depois de processos difíceis, como o lidar com o sistema atual.

A segunda categoria apresentada foi a ausência de uma política de funcionamento para a biblioteca e de um regimento que contemple a realidade desse setor dentro da instituição. Esse item disparou diversas atividades dificultadas, como o recebimento de livros e demais obras provenientes de doação, a comunicação satisfatória com os usuários da biblioteca e os demais setores da instituição, as avaliações do MEC que envolve a biblioteca e uma representatividade eficiente nos Conselhos, que são responsáveis por analisar e decidir sobre os setores da instituição nos mais diversos assuntos. Nesse ponto, Clara esclareceu que a biblioteca possui um regimento, aprovado em 2007. Na ocasião de sua elaboração, esse documento não teve participação de todos os bibliotecários do setor.

A ineficácia do regimento atual faz com que a política de funcionamento da biblioteca não possa ser elaborada. Como ações do coletivo das bibliotecárias, observamos que o diálogo é utilizado para diminuir as lacunas da ausência da política. Mesmo sem definições claras das atribuições e funções das bibliotecas, no caso das doações, as participantes fazem uma espécie de filtro na hora de receber os materiais, mobilizando-se em uma análise da qualidade do material doado, as condições sanitárias de uso e se aquele material é compatível com o acervo da biblioteca.

Ainda como ações face aos impedimentos da atividade, as bibliotecárias propuseram reformulações no regimento antigo, de forma a contemplar a realidade atual da biblioteca. Uma das propostas feitas é a descentralização de trabalhos entre suas unidades, pois a biblioteca pesquisada funciona como uma central, com várias bibliotecas vinculadas a ela, espalhadas no

interior do Estado. As bibliotecárias apontam que, na prática profissional, já conseguiram descentralizar muitas atividades, mas que é necessário aumentar a autonomia das unidades, diminuindo assim a carga da biblioteca central e que isso seja regulamentado, passando a fazer parte das atividades prescritas do setor. Observou-se ainda que a equipe não se atém as prescrições do trabalho, mas estão a todo tempo buscando estilizar, ou seja, buscam atualizar as regras para a realização das ações a partir da nova realidade da biblioteca.

A terceira categoria de análise apresentada foi a aquisição de livros pela biblioteca. Durante a reconstituição, essa atividade esteve presente como atividade desgastante, pois a aquisição no serviço público, na maioria das vezes, é realizada por processo licitatório, que é considerado moroso e burocrático. As bibliotecárias apontaram suas dificuldades em lidar com empresas fornecedoras de livros para a instituição, pois essa não estava cumprindo as obrigações do contrato firmado.

Com isso, a atividade dificultada foi a de fiscalização do contrato, que esta na responsabilidade da bibliotecária Maria, e reflete no recebimento dos livros, no processamento técnico e, conseqüentemente, no atendimento aos usuários da biblioteca. Como ações do coletivo, as bibliotecárias buscam, junto a outros setores da instituição, capacitação para lidar com os empecilhos junto à empresa fornecedora. Essa ação é voluntária, já que a instituição não fornece capacitação suficiente na área de fiscalização de contratos, conforme exposto pelas bibliotecárias. Também expuseram que notificam a empresa e buscam aplicar as penalidades cabíveis para que, no futuro, a Administração Pública não volte a ter prejuízos com fornecedores que não cumprem suas obrigações.

Outra ação que foi exposta durante o seminário de validação, foi a proposta de descentralização dos contratos com fornecedores de livros. Uma das medidas implantadas foi demandar a cada biblioteca setorial que fizesse seu controle e fiscalização de seus contratos. Isso trouxe fluidez aos novos processos de compra e como um poder de ação da equipe diante da nova gestão, que pareceu mais acessível às ideias e adaptação das situações de trabalho face ao real da atividade.

Apesar dos sofrimentos da atividade, a atitude desses profissionais embora defronta ao sofrimento e aos aspectos deletérios do trabalho, ela transcende estes e também enfatiza os processos criativos e construtivos do sujeito, bem como sua capacidade de mobilização, de agir e de resistência face ao real do trabalho. Aquilo que é difícil de executar pode ser harmonizado, isso demonstra que o gênero profissional das bibliotecárias da instituição, frente ao real da atividade, consegue se mobilizar para a ação, mesmo diante das impossibilidades (Clot, 2006).

Por fim, percebe-se que, com a descentralização, houve uma melhora na distribuição das tarefas, mas que ainda assim, as atividades são demasiadas para apenas um responsável. São reflexos dos novos modelos de gestão, que adentraram a biblioteca, mas que ainda não dispõem de contrapartidas, principalmente reposição da força de trabalho, dimensionada de acordo com a quantidade de trabalho a ser feito.

A última categoria discutida no seminário foram as estratégias adotadas pelas bibliotecárias frente aos imprevistos do real de sua atividade. Sobre isso Clot (2010) enfatiza que é necessário "... ampliar o poder de ação dos coletivos no ambiente de trabalho, consistindo em inventar ou reinventar os instrumentos dessa ação: em vez de começar por protestar contra as restrições ou por barganhá-las, trata-se de empreender a via de superação concreta" (p. 84). Ainda, descreve que ao real da atividade impõe-se uma imprecisão: o real é a modificação dessas condições pelo sujeito e não essas condições em si mesmas. Não se trata de um ambiente, mas de um meio de ação delimitado pelas iniciativas que o sujeito toma, só ou com os outros, em condições que nem por isso são fixados por ele.

Com este intuito de assinalar as recriações do grupo diante das dificuldades, no momento final do seminário foi apresentado o poder de agir do gênero de trabalho mobilizado pelo coletivo frente ao real, como: a informatização de algumas atividades, como a confecção de fichas catalográficas dos trabalhos acadêmicos; a parceria com outros setores da instituição; e a melhoria dos espaços da biblioteca, com reformas e reorganizações do fluxo de trabalho.

A equipe se mostrou muito propositiva e com coletivo fortalecido, aberto aos diálogos e as estilizações, aos novos modos de fazer, criando e recriando-a todo o momento situações que permitissem a continuidade das atividades. Segundo Clot (2010) essa recriação e subversão das formas de realização da atividade, caracterizando catacreses, podem ser consideradas uma característica geral do desenvolvimento psicológico real, que confere à atividade presente uma segunda vida.

Considerações finais

Durante a análise das atividades das bibliotecárias pôde-se perceber que, em seu dia a dia, no real da atividade, há o enfrentamento de diversas situações engessadas, que fazem com que o trabalho fique impedido ou dificultado. Nesse caso, observou-se que as atividades suspensas, contrariadas ou impedidas foram parte da análise das trabalhadoras no desenvolver das atividades em grupo no estudo realizado.

Ao analisar o real da atividade trazido pelo grupo, deparamos com alguns impedimentos, como o sistema utilizado na biblioteca, o SINGU, que além de ser um sistema impróprio para as atividades da biblioteca, não teve a participação dos bibliotecários em sua elaboração. Ao lidar com essas atividades impedidas, as bibliotecárias se mobilizavam e apresentavam catacreses, ou seja, recriavam as formas de fazer o trabalho, dando ao instrumento (o sistema) novas formas de uso. As bibliotecárias acabavam fazendo parte das atividades de forma manual para que pudessem completar as tarefas.

Durante toda a análise observou-se as relações efetivadas entre os bibliotecários, que possibilitava a ampliação do poder de agir do coletivo e individualmente, transformando assim algumas situações de impedimentos no trabalho. Algumas atividades já apresentavam mudanças, como a confecção das fichas catalográficas, que foi considerado um avanço no trabalho das bibliotecárias. Essa inventividade alocada no gênero profissional estilizou a ação das bibliotecárias, permitindo assim mobilidade da atividade.

As parcerias com diversos setores também foram utilizadas como forma de enfrentamento do coletivo, face aos impedimentos das atividades. A comunicação externa ao ambiente de trabalho faz com que as bibliotecárias se apropriem de suas atividades, por meio das trocas de conhecimento e experiências, e possam executá-las de forma ágil. Junto a isso, as melhorias que vem sendo implantadas no ambiente de trabalho fazem com que o coletivo profissional tenha boas expectativas sobre o futuro da biblioteca.

A partir dessa análise, percebe-se que o gênero profissional das bibliotecárias está passando por mudanças a partir de estilizações que buscam adequar as atividades à nova realidade vivenciada pela biblioteca. Por fim, apesar dos impedimentos e dificuldades enfrentadas face ao real da atividade, as bibliotecárias conseguem produzir a recriação e/ou atualização das técnicas e regras prescritas que permitem que continuem a agir.

Tendo em vista a constante mudança nas tecnologias digitais implementadas nas bibliotecas universitárias das instituições públicas, faz-se necessário mais investigações e estudos da Psicologia e outras áreas do conhecimento visando compreender os efeitos deletérios dos impedimentos da atividade à saúde daqueles que ali trabalham.



REFERÊNCIAS

- Albornoz, S. (2004). *O que é trabalho*. São Paulo: Brasiliense.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Bendassolli, P. F. & Soboll, L. A. P. (2011). Introdução às clínicas do trabalho: aportes teóricos, pressupostos e aplicações. In P. F. Bendassolli & L. A. P. Soboll. (Orgs.), *Clínicas do Trabalho*. São Paulo: Atlas.
- Bortoletto, M. E., Machado, R. R. & Coutinho, E. (2002). *Contaminação fúngica do acervo da Biblioteca de Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz: ações desenvolvidas para sua solução*. Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, 14,9-18. <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/432>
- Brasil. (1978). Ministério do Trabalho. Portaria n.º 3.214, de 8 de junho de 1978. *Normas Regulamentadoras - NR - do Capítulo V, Título II, da Consolidação das Leis do Trabalho, relativas à Segurança e Medicina do Trabalho*. Brasília, DF. <http://www.camara.gov.br/sileg/integras/839945.pdf>
- Carvalho, K. de. (2009). O profissional da informação: o humano multifacetado. *Revista Ciência da Informação*, 3(5), 1-10. <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/5395>
- Clot, Y. & Leplat, J. (2005). La méthode clinique en ergonomie et en psychologie du travail. *Le Travail Humain*, 68, 289-316. <https://www.cairn.info/revue-le-travail-humain-2005-4-page-289.htm>
- Clot, Y. (2006). Vygotski: para além da Psicologia Cognitiva1. *Pro-Posições*, 17(2), 19–30. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643626>
- Clot, Y. (2007). *A função psicológica do trabalho*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Clot, Y. (2010). *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum.
- Cunha, M. B. da. (2000). Construindo o futuro: a biblioteca universitária brasileira em 2010. *Revista Ciência da Informação*, 29(1), 71-89. <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/901/938>
- Fantazia, M. M. (2015). Perfil do adoecimento dos trabalhadores de campus universitário do interior paulista: análise dos dados de absenteísmo por motivo de doença. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Botucatu. <http://repositorio.unesp.br/handle/11449/132069>
- Gomes, D. C., Silva, L. B. & Sória, S. (2012). Condições e relações de trabalho no serviço público: o caso do governo Lula, saúde x trabalho. *Rev. Sociol. Polít.*, (20)42, 167-181. <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v20n42/12>
- Guimarães, M. C. (2009) Transformações do trabalho e violência psicológica no serviço público brasileiro. *Rev. Bras. Saúde Ocup.*, São Paulo, (34)120, 163-171. <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572009000200007>

- Lacaz, F. A. C. (2000) Qualidade de vida no trabalho e saúde/doença. *Ciência & Saúde Coletiva*, (5)1, 151-161. <http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7086.pdf>
- Machado, A. R. & Abreu-Tardelli, L. S. (2005). Textos prescritivos da educação presencial e a distância: fonte primeira do estresse do professor? *Signum: Estudos da Linguagem*, Londrina, 8(1), p. 11-24. <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3632>
- Maia, M. F., Neto, J. T., Vasconcelos-Raposo, J. J. & Bezerra, A. J. (2006). A saúde ocupacional nas bibliotecas universitárias de grande porte. *Motricidade*, (4)2, 260-269. http://www.revistamotricidade.com/arquivo/2006_vol2_n4/v2n4a09.pdf
- Mattos, C. B. M. (2013). “Vestir a camisa de força”: adoecimento psíquico em uma instituição pública na Amazônia. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação de Psicologia, Universidade Federal de Rondônia, Porto Velho. http://www.ri.unir.br/jspui/bitstream/123456789/1298/1/Cristiane%20B.%20M.%20Mattos_Vestir%20a%20camisa%20de%20for%C3%A7a.pdf
- Merlo, Á. R. C. & Lapis, N. L. (2007). A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface da psicodinâmica do trabalho e da sociologia do trabalho. *Psicologia & Sociedade*, (19), 61-68. <http://www.scielo.br/pdf/%0D/psoc/v19n1/a09v19n1.pdf>
- Nunes, M. & Carvalho, K. (2016). As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 21(1), 173-193. <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2572>
- Passarelli, B. (2009). O Bibliotecário 2.0 e a Emergência de Novos Perfis Profissionais. *Revista Ciência da Informação*, 10(6). <https://www.brapci.inf.br/index.php/article/view/0000008336>
- Ribas, F. E. (2013) Trabalho e saúde no contexto das bibliotecas da FURG. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande. <http://repositorio.furg.br/handle/1/5777>
- Salort, S. G., Bilhão, I. A. & Lopes, D. de Q. (2019). Bibliotecários/as em tempos de cibercultura: reflexões sobre atuação profissional e práticas bibliotecárias. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 24(3), 73-95. <https://doi.org/10.1590/1981-5344/3563>
- Santaella, L. (2004). *Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo*. São Paulo: Paulus.
- Seligmann-Silva, E. (2011). *Trabalho e desgaste mental: o direito de ser dono de si mesmo*. São Paulo: Cortez.
- Seligmann-Silva, E., Bernardo, M. H., Maeno, M. & Kato, M. (2010). O mundo contemporâneo do trabalho e a saúde mental do trabalhador. *Rev. Bras. Saúde Ocupa.*, São Paulo, (35), 187-191. <http://dx.doi.org/10.1590/S0303-76572010000200002>
- Osório-da-Silva, C. & Barros, M. E. B. (2013). Oficina de fotos: um método participativo de análise do trabalho. *Universitas Psychologica*, (12)4, 1325-1334. <http://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revPsycho/article/view/6506/5932>

- Osório-da-Silva, C. (2010). Experimentando a Fotografia como Ferramenta de Análise da Atividade de Trabalho. *Informática na Educação: teoria & prática*, Porto Alegre, 13(1), p. 41-49. <https://doi.org/10.22456/1982-1654.13793>
- Silva, C. O., Souto, A. P. S. & Memória-Lima, K. M. N. (2015). A pesquisa-intervenção em Psicologia do Trabalho em um aporte que toma o desenvolvimento como método e objeto. *Fractal: Revista de Psicologia*, 27(1), p. 12-15. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1338>
- Souza, F. C. & Silva, P. S. (2007) O Trabalho do bibliotecário e os riscos potenciais a sua saúde integral: considerações em torno do campo da Ergonomia. *Em Questão*, (13)1, 127-146. <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/34/1088>
- Wellichan, D. S. P. & Santos, M. G. F. (2017). Qualidade de vida em bibliotecas universitárias: como a ergonomia e a ginástica laboral contribuem para rotinas mais saudáveis. *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, (22)3, 611-625. <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/download/1377/pdf>

Contribuições das Autoras	
Autora 1	Administração do Projeto; Análise Formal; Conceituação; Curadoria de Dados; Escrita – Primeira Redação; Escrita Revisão e Edição; Investigação; Metodologia.
Autora 2	Escrita; Análise Formal; Revisão e Edição; Supervisão; Validação e Visualização

